

**vida familiar**

REINALDO FLEURI (Com a colaboração do Setor Famílias Novas  
do Movimento dos Focolares)

# «Preciso de um lar...»



**Não existe uma solução pronta para este problema, mas as experiências das famílias que têm filhos adotivos podem nos dar algumas preciosas indicações.**

**C**resce o número de crianças abandonadas. Elas vivem sem rumo pelas ruas e periferias das cidades ou no interior do país. São vítimas de uma complexa situação em que a maioria das famílias não tem as menores condições de vida.

Se se quiser resolver pela raiz esse problema, é preciso promover decididamente uma profunda mudança nas estruturas da sociedade. Mas enquanto estas mudanças e seus efeitos não se fazem sentir, cada órfão e cada criança abandonada está precisando, já mesmo, de uma solução imediata para seu caso.

Quem é que deve ou pode assumir o problema desta criança?

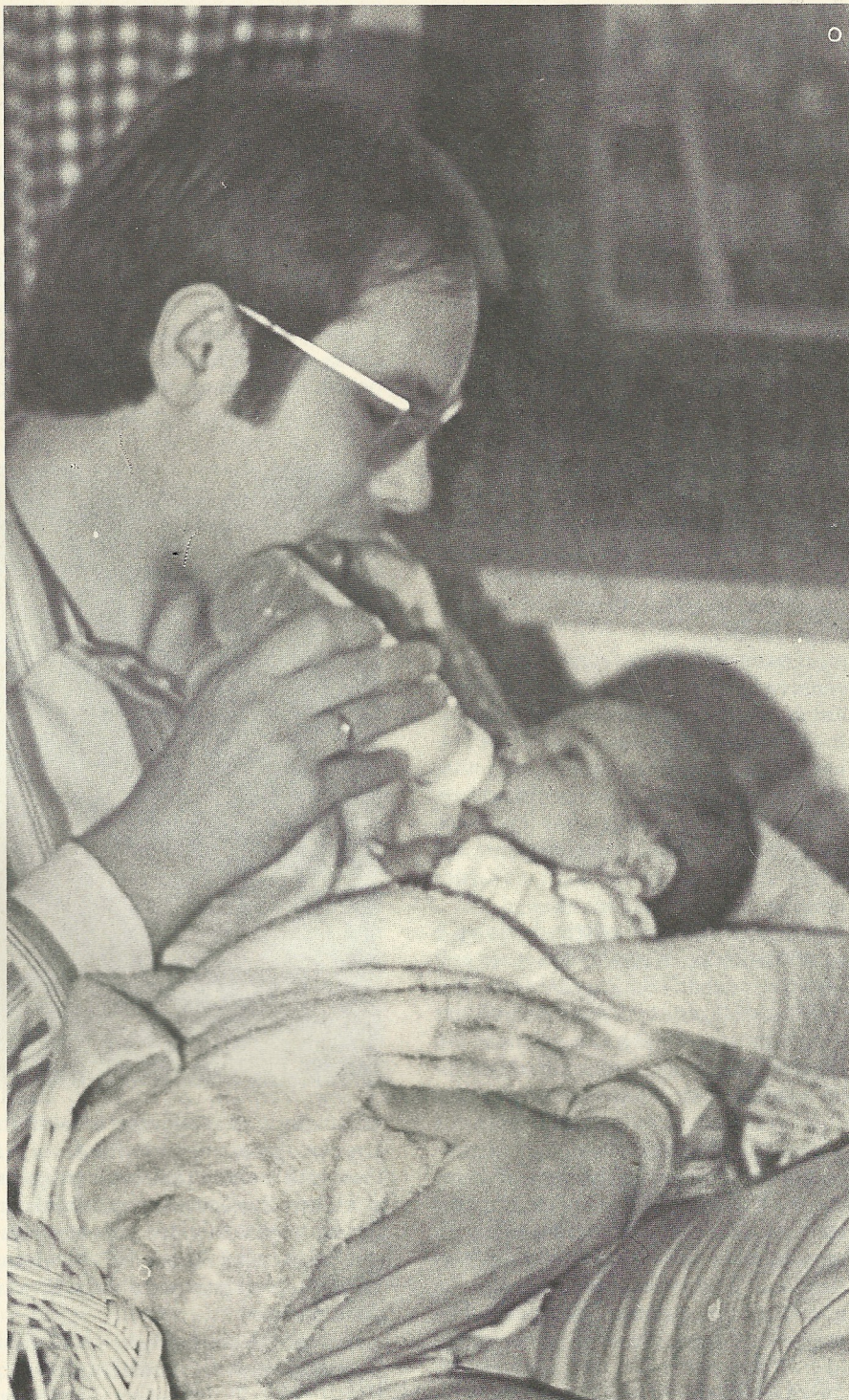
Todos sabemos que é muito precário o atendimento dado por instituições estatais e religiosas, como os orfanatos. E mesmo que consigam proporcionar as melhores condições materiais de vida para estas crianças, jamais poderão dar-lhes um acolhimento semelhante ao que uma família pode dar. Pois só no ambiente familiar é possível satisfazer adequadamente todas as exigências psicológicas, e afetivas da pessoa humana.

Diante disso, muitas famílias sentiram-se chamadas a dar a própria contribuição para resolver o problema dos menores abandonados, adotando uma criança. Essas famílias perceberam que, (embora sua iniciativa não signifique uma solução global para os milhões de meninos e meninas carentes) esta é a contribuição mais elevada e direta que podem dar, como família, para sanar um dos grandes problemas sociais. Além disso, vão descobrindo que a inserção de uma outra criança na família é um desafio constante para uma vida mais autêntica e, por isso mesmo, mais feliz.

Com efeito, não é simples assumir a tutela ou a adoção de um menor.

Além das dificuldades legais, é preciso enfrentar todos os riscos que comporta a educação de uma criança, cuja hereditariedade se desconhece. Quase todos os casais que se dispõem a adotar uma criança, sentem o temor de enfrentar os traumas e as deficiências que ela pode manifestar depois. Muitos se sentem inseguros para enfrentar o momento em que deverão revelar à criança sua verdadeira proveniência.

Não existe uma solução pronta para esses problemas. Mas a experiência das inúmeras famílias que têm filhos adotivos pode dar alguma indicação para as outras famílias que sentem a preciosa vocação de dar um lar a uma criança que não o tem.



### **Ele já era “nosso filho”**

Antônio Carlos e Telma, residentes numa cidade perto de São Paulo, têm três filhas adolescentes.

«Sentíamos que Deus nos tinha dado muitas coisas — conta o casal — e queríamos partilhar nossa vida com mais uma criatura que precisasse. Falamos com alguns amigos sobre nossa disposição.

Foi quatro anos atrás, quando recebemos um telefonema de uma cidade distante, dizendo que “nosso filho” havia nascido. Era filho prematuro de mãe solteira. Alertaram-nos que não tinha muita saúde e poderia exigir cuidados especiais.

Fomos encontrar o menino. Era raquítico e pequeno. Precisava ficar ainda muitos dias no hospital. Mas era “nosso filho”, pois já fazia muito tempo que o amávamos e esperávamos. Estávamos felizes por vê-lo, por nos tornarmos

# «Preciso de um lar...»

responsáveis por ele, por dar-lhe um nome.

Viajamos várias vezes com nossas filhas para ir visitá-lo enquanto estava no hospital. A cada vez notávamos seu crescimento: a cada dia ficava mais bonito a nossos olhos. O dia em que já estava bom para sair do hospital foi uma festa. Nós, os pais, fomos buscá-lo, enquanto as filhas ficaram enfeitando

a casa, arrumando o berço e suas roupinhas. Sua presença nos trouxe alegria e, sobretudo, nos estimulou a uma vida mais dinâmica e nos levou a uma união maior.

No início, os cuidados com sua saúde exigiram muita atenção e esforço de nossa parte. Mas os efeitos foram logo ocorrendo. Sua anemia inicial foi logo

superada e o garoto começou a crescer forte e saudável.

Agora, mais crescido, é um menino normal, muito vivo e inteligente. Sua integração na família é tamanha que nos custa muito esforço lembrar que é adotivo. Aliás, quando existe um relacionamento de amor na família, que diferença faz isso?»

## Abertos para a vida

Marli e Edson são um casal de meia idade. Têm dois filhos: Rita, de cinco anos, e Fábio de quatro. Eles nos contam como nasceu entre eles o terceiro filho, Aníbal.

«Desde que nos casamos, nos propusemos a acolher os filhos que nascessem em nosso lar, dentro de um planejamento razoável e responsável. Procuramos nos abrir, cada vez mais conscientemente, ao dom da vida. Depois do segundo filho, decidimos adiar um pouco a vinda do terceiro, para dar tempo à Marli de se recuperar bem das duas cesarianas.

Em contato com outras famílias e estimulados pelos apelos feitos no ano internacional da criança, nasceu em nós o desejo de fazer nossa parte para aliviar o sofrimento de alguma criança. No diálogo e na prece, fomos amadurecendo a coragem de adotar um órfão.

Manifestamos esse desejo a casais amigos e, de modo particular, a um parente nosso que já tinha adotado duas crianças. Por sugestão destes, nos inscrevemos no Juizado de Menores de uma cidade do interior e ficamos aguardando a convocação para assumir a guarda de um criança, que poderia depois ser adotada. E quando se passa pelo Juizado, o processo de adoção segue um ritmo lento, aconselhável sobretudo se a criança não é recém-nascida. Primeiro, pelo prazo de um ano, fica-se com a guarda do menor; depois, se houve adaptação da criança, passa-se para a adoção.

O interessante é que, devido ao tempo em que ficamos esperando para a adoção, decidimos ter mais um filho. E uma semana após Marli ter concebido, recebemos a notícia de que Aníbal estava nos esperando.

Aníbal nasceu para nós com dois anos e onze meses. Festejamos seu terceiro aniversário um mês depois de ele morar conosco. Percebemos que é tão



arriscado e tão vibrante adotar uma criança, quanto ter um filho nosso. O risco está em não podermos programar a criança conforme nossos planos, mas ter de acolhê-la tal como ela vem; o que pode trazer surpresas. E a vibração decorre da alegria que a vida nova traz em uma casa.

E qual foi a reação de Rita e de Fábio? Devemos dizer, antes disto, que Rita e Fábio foram várias vezes consultados e esclarecidos sobre a vinda de um irmãozinho ou uma irmãzinha, de algum lugar fora do seio da mamãe. Sempre se mostraram de acordo, e até impacientes, com o acontecimento. Quando Aníbal chegou, ele foi bem acolhido pelos dois, com apenas um protesto de Rita: «Onde está a irmãzinha que devia vir? Só veio o irmãozinho?»

Para nós, os pais, a adoção que ainda não se consumou (estamos no ano da guarda) está nos educando muito. Percebemos a necessidade de crescer mais no amor para poder acolher Aníbal, tal como ele é. Descobrimos nele certas li-

mitações – como na comunicação oral – que nossos filhos não tiveram e que estão a exigir um acompanhamento firme e constante. Percebemos, porém, um desenvolvimento – como a habilidade manual – muito maior no Aníbal do que em nossos filhos, na mesma idade.

Estamos conscientes de nossas limitações na adoção. Precisamos recomençar a cada dia a adoção e a acolhida ao Aníbal, assim como recomençamos a cada dia a amar nossos filhos naturais. Sentimos que eles, apoiados por nós, precisam recomençar cada dia a acolher o novo irmãozinho. Percebemos que a adoção é como o nascimento de um filho dentro de um lar. Exige que dediquemos um amor constantemente renovado a essa pessoa que vem viver conosco. E os filhos vão nos educando para o amor cada vez mais aberto, para acolher, de algum modo, a todas as pessoas que entrarem em nossa casa.

Antes ainda de Aníbal chegar, conversamos com nossos pais e com outros parentes mais ligados a nós sobre nosso

desejo de adoção. Fomos refletindo com eles sobre as vantagens e riscos que isto comportaria. Mostramos, sempre, que a nós caberia o direito e a responsabilidade principal. Foi assim que todos eles aceitaram, com naturalidade, a vinda de Aníbal. Nosso cuidado é para que não exagerem os carinhos, criando com o menino um tratamento especial, diferente do que é dado aos outros filhos nossos».

## «Sou filha adotiva!»

Muitas famílias temem o dia em que a criança venha a saber que é um filho adotivo. Este é, de fato, um momento difícil e delicado. Mas sua superação depende muito do relacionamento criado com os filhos adotivos. É o que constata André, marido de Clara:

«Temos três filhos adotivos: Maria Cristina que tem agora dez anos, Paulo e Antônio, de cinco e quatro anos.

Quando Cristina era pequena, não sabíamos como contar-lhe que ela é adotiva. Um dia (ela tinha cinco anos) lhe dissemos que estávamos aguardando a chegada de outro filho – porque pretendíamos adotar novamente. E observando uma amiga grávida, Cristina diz a Clara:

– Você e tia estão esperando filho, não é mamãe? Então como é que ela está tão gorda e você não?

– Sabe, Cristina – responde Clara – é que quando um casal quer um filho, Deus providencia de duas maneiras: a mãe pode concebê-lo em seu seio ou então nasce no seu coração. O filho de tia está no ventre dela e o filho que nós estamos esperando está em nosso coração!

Cristina ficou satisfeita e não voltou mais ao assunto. Nós pensávamos que ela havia entendido o que significava ser filho adotivo.

Com o passar dos anos, porém, em várias circunstâncias percebemos que ela havia esquecido do fato e realmente não tinha tomado consciência de que ela é filha adotiva. Mas esperávamos o momento oportuno para lhe revelar isso.

Ela contava nove anos, quando estávamos passando férias na praia. Querendo testar os meus conhecimentos de religião, ela brincava fazendo-me perguntas:

– Quem é o “Pai”?

– Deus.

– Quem é a “Mãe”?

– Maria.

– Quem é o “Filho”?

– Jesus.

A este ponto, Cristina franze a testa num ar de interrogação e me pergunta:

– E São José, o que era, então?

– Ora – respondo eu – São José era para Jesus, assim como eu sou para você!

Seus olhos brilham como se ela descobrisse uma coisa maravilhosa e exclama:

– Ah, papai, eu sou então sua filha adotiva!

E vai correndo contar para Clara sua grande descoberta. Todos sentem uma

## «Mamãe, sou também seu irmão?»

«Sou uma feliz mãe de família – diz Laura – com 12 filhos, que meu marido e eu acolhemos, como verdadeiro dom de Deus.

Alguns anos atrás descobri o Evangelho e, ao mesmo tempo, um grupo de pessoas que procuravam vivê-lo. Ouvindo a experiência feita por outras famílias, fiquei impressionada com a frase: “O amor das famílias deve ser tão grande, ao ponto de esvaziar todos os orfanatos”.

Essas palavras me fizeram pensar: eu tinha procurado ajudar alguns orfanatos, mas nunca havia imaginado que o nosso amor devia fazê-los desaparecer, adotando as crianças. A partir daquele momento desejei adotar uma criança, embora fosse difícil pela minha saúde precária e por causa dos dez filhos que já tínhamos naquela ocasião.

Logo depois que nasceu o 11.º filho, encontrei-me diante de uma situação inesperada.

Um pai desesperado, cuja mulher havia falecido, veio pedir-me para cuidar de seu filho de um ano, muito doente. Lembrei-me do Evangelho: “Dai e vos será dado, uma medida boa, calçada, sacudida, transbordante, será derramada em vosso seio”. Levei o menino para casa, esperando a reação de minha família para depois tomar qualquer decisão. De minha parte, desejava de todo o coração ficar com aquela criança.

Quando meu marido voltou do trabalho, olhou para o garoto e disse: “Laura, este menino é simpático. Será uma pena mandá-lo embora quando estiver

grande alegria e vamos comemorar numa sorveteria.

Uma vez, eu estava no telefone, conversando sobre um caso de adoção. Por respeito a Cristina, que estava perto, eu usava meias palavras. Mais tarde, a menina se aproxima e me diz:

– Papai, eu sei que sou adotiva e sou muito feliz assim. Por isso, você pode falar claro com todo mundo, mesmo quando estou ouvindo.

Agora é Cristina que se encarrega de ajudar seus dois irmãozinhos a compreenderem que também são adotivos. Ela tem ajudado muitos casais, amigos nossos, a superarem este tipo de dificuldade com seus filhos adotivos».

curado... Depois que futuro terá num orfanato? Chame seu pai e diga a ele que nós podemos ficar cuidando dele”.

Para nossa alegria, os filhos, do maior ao menor, acolheram Luiz com amor e generosidade, e os amigos que me reprovavam por ter uma família numerosa, agora pediam para ser padrinhos da criança.

A chegada de Luiz foi mesmo uma bênção de Deus para nossa família. Sua presença suscitou mais amor, mais vida, mais alegria entre nós.

Quando Luiz começou a falar, ensinei-lhe a rezar e nas orações dizíamos também: “Papai do céu, dá alegria e felicidade ao outro papai e mamãe de Luiz...”

Aos poucos, o menino foi entendendo o sentido das palavras e perguntou: “Outra mãe, mãezinha?” E depois de algum tempo: “Outro pai e outra mãe de Luiz?” À medida que as perguntas se multiplicavam procurava dar uma resposta e, hoje ele sabe que sua mãe está no paraíso e sabe também alguma coisa de seu pai.

A idéia do “Pai que está no céu”, levou-o a fazer esta pergunta: “Mamãe, eu sou também seu irmão?”

Luiz conhece muitos particulares da sua chegada em nossa casa e sente a festa e alegria que a sua presença trouxe para nós.

Seus grandes olhos escuros brilham de felicidade quando lhe fazemos notar como é amado e querido por todos. Nós também não nos cansamos de acolher da parte de Deus o seu Amor que, “numa medida calçada, transbordante”, derramou em nossos corações».

**REINALDO FLEURI**